

Discurso do Secretário de Estado e Críticas do Chile e do Uruguai Movimentaram Conferência da OEA no Rio

Rusk: — EUA Não Vão Parar Ação Rápida no Continente

"FÔRÇA" EM DOIS TEMPOS: DEAN E VALDEZ



No dia mais movimentado, até hoje, da II Conferência Interamericana, o Secretário de Estado Dean Rusk (foto, à esquerda) levou à sala de reuniões a maior assistência, cerca de metade da qual se retirou ao terminar o discurso. O chanceler chileno, Gabriel Valdez, que falou pela manhã, recebeu vivos aplausos e cumprimentos, como mostra a outra foto destes dois tempos sobre a "força" na OEA.

DEVEMOS estar preparados para agir rápida e eficientemente e, se possível, juntos, quando surgir uma situação perigosa no Hemisfério — disse ontem, na Conferência da OEA, o Secretário de Estado Dean Rusk. A expressão "se possível, juntos", foi interpretada como indicativa da disposição dos EUA de agirem por iniciativa própria, se assim considerarem necessário, como no caso da República Dominicana.

Infiltração

O chefe da delegação norte-americana ressaltou o perigo da infiltração comunista no Hemisfério e enumerou uma série de medidas que considera necessárias para reforçar a OEA. Leu mensagem do Presidente Johnson prometendo estender a ajuda dos EUA além do prazo previsto pela Aliança para o Progresso, isto é, além de 1971.

Chile Contra

Em discurso que concentrou as atenções da Conferência, o chanceler chileno Gabriel Valdez disse que a OEA "é um organismo que se debilita" e repudiou a criação de uma Força Interamericana, que "daria ao sistema uma conotação ideológica negativa e perigosa, destruiria o princípio fundamental da não-intervenção e ameaçaria dividir-nos em blocos inconciliáveis".

Uruguai: Não

Também o Ministro do Exterior do Uruguai, Vidal Zaglio, manifestou-se radicalmente contrário à projetada FIP. Reafirmou a igualdade jurídica das Repúblicas americanas, "todas garantidas em sua existência pelos princípios de não-intervenção e autodeterminação", negando a qualquer delas o direito de agir unilateralmente. (Noticiário e José Guilherme Mendes, páginas 2 e 3.)

Mulher Bonita Morta na Barra



UMA mulher bonita, morta com um tiro na cabeça, é o novo mistério da Barra da Tijuca, onde o corpo (ao alto) foi encontrado ontem. O crime, segundo a perícia, deu-se 24 horas antes. Marcas de pneus no lugar levam a crer que a vítima foi arrancada de um carro. O corpo estava semidespido, com os pés atados por metas de seda e as mãos presas por um lenço também de seda. (P. 12)

O NÔVO KENNEDY

DANTON JOBIM



Brasil tem a honra de hospedar, neste momento, um homem livre: Robert Kennedy. Um norte-americano típico do daquilo que há de melhor no seu país: uma elite progressista, que atua na política, nas universidades, nos meios literários e até no mundo dos negócios.

Quando se fala nos Estados Unidos, em certos círculos nativistas da América Latina, põe-se o pensamento no ódio de raças cultivado em alguns Estados do Sul. Esquece-se, porém, o que tem sido a batalha tenaz dos anti-segregacionistas, estes, sim, os verdadeiros legatários das idéias generosas que nasceram nas colônias inglesas da América, ali se cristalizaram e, de torna-viagem, à Europa, resultaram na tábua Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Estivemos nos Estados Unidos à época do maccartismo. Os professores, inclusive os convidados como nós, eram obrigados a assinar a humilhante declaração de lealdade exigida em alguns Estados.

Entretanto, os melhores espíritos não se intimidaram com a caça às feitiças. Acima de tudo colocaram sua consciência de homens livres.

O terrorismo cultural não venceu aquele punhado de intelectuais. E foi isto que sensibilizou a opinião pública e devolveu a grande República americana ao seu destino de nação livre, cadinho de raças e de cultura, com um povo jovem e criador, que inovou as próprias instituições, sem renegar as liberdades transplantadas do solo britânico.

Essa elite americana, de que falamos, nada tem a ver com os intervencionistas de hoje, que descendem em linha reta dos diplomatas do dólar e do big stick. Dois grandes nomes a representam na época contemporânea: Franklin Roosevelt e John Kennedy. O primeiro com a política da Boa Vizinhação, o segundo com a Aliança para o Progresso.

Se Kennedy vivesse, a Aliança não teria sido desfigurada, para se converter numa política de expedientes, de doações assistenciais, que tem ajudado alguns Governos amigos, mas em nada contribui para o desenvolvimen-

to nacional, com a solução dos problemas básicos do País.

Kennedy compreendeu o sentido da mensagem da OPA lançada por Juscelino Kubitschek. Não pôde evitar certas distorções do projeto primitivo, mas sua intenção, ao lançar a Aliança no começo de seu Governo, era prover a América Latina de um instrumento eficaz de desenvolvimento. Assim, os recursos que somente os Estados Unidos estavam em condições de dar, não seriam apenas um prêmio a Governos dóceis à orientação de Washington, mas uma contribuição a aliados soberanos, para que se fortalecessem, elevando o padrão de vida de seus povos.

Hoje, negocia-se bilateralmente, como antes. E a condição do êxito é a "eliminação das áreas de atrito", sinônimo das inevitáveis pontos de divergência entre o interesse dos Estados Unidos e o nosso. Liquidadas, porém, essas áreas, suprimida também está a moeda de negociação de que dispunham os latino-americanos nos entendimentos bilaterais.

Acha-se agora entre nós, e, por coincidência, no segundo aniversário da dolorosa tragédia que abateu seu irmão Presidente, o Senador Robert Kennedy, homem lúcido, que compreende essas coisas e se acha a caminho de uma firme liderança da vanguarda do pensamento democrático. Sua linguagem, na América Latina, tem sido a que esperávamos de sua bravura e de sua mocidade, que sacrifica a franqueza às conveniências, falando em corda em casa de enforcado.

Esse embaixador itinerante da inteligência americana chega ao Brasil numa hora de crise. Crise profunda, em que os homens que quebraram o molde da legalidade, para aperfeiçoar a democracia, não sabem exatamente o que devem fazer com o Brasil para que esse colosso de 80 milhões de habitantes caiba dentro da camisa-de-força que lhe tálham.

Não que eles sejam más pessoas, de intenções sinistras, Mr. Bob Kennedy. São criaturas honradas e estimáveis. Apenas más alfaiteas.

"Blitz" Contra a Raiva Nas Ruas



QUEM leva a picada da agulha é o tulu, mas a expressão de um aiii contido é da mocinha. Este é um flagrante da campanha de vacinação anti-rábica, iniciada ontem por postos móveis na zona suburbana, pelo Departamento de Veterinária. Cerca de 60 mil doses de vacina serão aplicadas inicialmente nas favelas e zonas da Central e Leopoldina. (Leia na página 5 do 2.º Caderno)

ASSEMBLÉIA: LÍGIA INTERPELA GOVÊRNO QUE NÃO PAGA EM DIA

(LEIA NA PÁGINA 10)

PREPOSTO DA SINAB SUMIU COM CR\$ 100 MILHÕES DO BOI

(LEIA "ZERO HORA" NA PÁGINA 21)

CURTESIA